

Área Temática:

4. Estados e Nações face à nova configuração do capitalismo

4.3. Os Estados nacionais na nova configuração do capitalismo

Para Sessões Ordinárias

O SISTEMA MUNDIAL CAPITALISTA À ESPERA DE GODOT

Três prognósticos para a chegada de uma nova era

Túlio Silva Sene¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar alguns prognósticos acerca do futuro do sistema mundial capitalista com base em três teorias específicas, a do *world system* de Immanuel Wallerstein, a dos ciclos hegemônicos de Giovanni Arrighi e a da explosão expansiva de Jose Luís Fiori. Partindo da construção analítica de cada argumentação, este trabalho procura encontrar pistas que permitam traçar um panorama do desenvolvimento histórico do capitalismo contemporâneo não apenas em relação à distribuição de forças no jogo da atual competição interestatal, mas também em relação à configuração política mundial que tende a se desenvolver num futuro próximo. O trabalho visa compreender a atual posição dos estados nacionais e sua relação com o arranjo político do sistema mundial capitalista no presente e futuro.

Abstract

This paper intends to analyze some prognostics about the future of capitalist world system based on three specific theories, the Immanuel Wallerstein's world system, the Giovanni Arrighi's hegemonic cycle and the Jose Luís Fiori's expansive explosion. Coming from the analytic construction of each argument, this article search for clues that could allow us to outline a overview of the historic development of contemporary capitalism not only in the aspect of the power distribution in interstate competitiveness, but also in the aspect of world political configuration that tends to develop in the near future. This work tries to understand the current position of nation states and its relation with the political arrangement of capitalist world system in present and future.

¹ Túlio Silva Sene é mestrando em Economia Política Internacional na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Introdução

Há pouco mais de 40 anos, em Julho de 1969, a missão americana Apollo 11 pousava na superfície lunar e praticamente selava o destino da corrida espacial, militar e tecnológica que se transcorrerá até então no pós II Guerra Mundial. Deste ponto em diante, ficou cada vez mais evidente que não havia concorrentes à altura do poderio militar produtivo dos Estados Unidos. A década seguinte viria para marcar um *turning point* na história do poder norte americano sobre os demais países do mundo, pois, apesar de alguma aparente fragilidade geopolítica dos Estados Unidos mediante sucessivos fracassos no Vietnã, na Ásia Central e no Oriente Médio, o que pôde se observar foi uma retomada sem precedentes do seu poder, capitaneada pela massiva internacionalização e revalorização do dólar no cenário geoeconômico mundial.

A escalada dessa nova fase de poder, iniciada com o rompimento unilateral de Bretton Woods e posta em prática com Paul Volcker em 1979, alçou a moeda americana a uma posição de destaque no cenário internacional, contradizendo todas as apostas de queda do poderio norte americano. Como nos atenta Maria da Conceição Tavares, “os desdobramentos da política econômica interna e externa dos EUA, de 1979 pra cá, foram no sentido de reverter estas tendências (de desestruturação da ordem vigente) e retomar o controle financeiro internacional através da chamada diplomacia do dólar forte”. (TAVARES, 1985:6). A partir de meados dos anos 1980 já começava a ser razoável supor que os Estados Unidos conseguiriam reafirmar sua hegemonia sobre seus concorrentes e estabelecer uma nova ordem econômica internacional.

Em meio a essa retomada da hegemonia americana, emergiram recorrentes dúvidas sobre o futuro do capitalismo mundial e da distribuição de poder a partir dos anos 1980. Muito se falou ainda em declínio do poder americano, em ascensão de novas forças políticas e econômicas e até em fim da história. Neste sentido, uma das grandes questões que passou a ser colocada com o fim da rigidez dos padrões monetários e com a crescente financeirização econômica deste período foi justamente qual seria a nova configuração do capitalismo e dos estados nacionais frente a esse turbilhão de acontecimentos que marcaram a chamada nova era de liberalismo. À medida que os anos 1990 foram cedendo espaço para o novo século, embora novos acontecimentos aflorassem, as dúvidas acerca da distribuição de poder no sistema mundial permaneciam. Foi neste contexto que alguns importantes pensadores, alertados pelas grandes transformações deste último quarto de século, se arriscaram a traçar tendências para uma nova configuração política.

No entanto, para uma compreensão adequada da atual configuração política mundial tendo em vista alguns prognósticos, não é suficiente traçarmos um olhar apenas direcionado para os últimos cinquenta anos de história. Para tanto, somos forçados a resgatar alguns antecedentes históricos que nos remetam ao próprio surgimento dos primeiros estados nacionais e do chamado sistema mundial moderno. Esta tarefa nos conduz por um escopo de observação mais amplo, que resgata pelo menos cinco séculos de história, desde a formação do sistema interestatal até os últimos acontecimentos, identificados por alguns como representativos da superação das barreiras nacionais. Neste sentido, uma vez que a polêmica acerca do futuro do sistema capitalista se reaqueceu, este trabalho se presta a recuperar três importantes teorias que se arriscam por este terreno tantas vezes arenoso.

O objetivo central deste artigo será apresentar e contrastar três visões relativas ao atual sistema mundial que, embora compartilhem muitos aspectos comuns, se distinguem quanto aos seus prognósticos. Na tentativa de facilitar a leitura do trabalho, serão apresentados de antemão nesta introdução os três autores sobre os quais nos debruçaremos e suas respectivas previsões. Os três autores em questão são o norte-americano Immanuel Wallerstein, o italiano Giovanni Arrighi e o brasileiro José Luís Fiori. Seus argumentos principais acerca do futuro do sistema mundial podem ser encontrados, dentre outros trabalhos, em suas respectivas obras “O Declínio do Poder Americano” (2004), “Adam Smith em Pequim” (2008) e “O Mito do Colapso do Poder Americano” (2008).

Abrindo a série, Wallerstein acredita que chegamos à crise final do que ele chamou de *Modern World System*. Em suas próprias palavras ele afirma que “estamos de fato em um momento de transformação, em uma era de transição, transição não apenas de alguns países atrasados que precisam pegar o trem da globalização, mas uma transição na qual todo o sistema-mundo capitalista será transformado em outra coisa”. (Wallerstein, 2004a:53). Percebemos, pelas suas palavras, que ele prevê de fato que a crise da hegemonia americana iniciada na década de 1970 se consiste em uma crise terminal do próprio sistema mundial moderno como um todo, que deverá ser substituído por uma nova ordem internacional.

Arrighi, por sua vez, embora compartilhe da ideia de crise do poder americano, não fala em colapso do sistema mundial como um todo, e sim em fim da hegemonia norte-americana. Para ele, “o mais importante é que, cada vez mais, a China vem substituindo os Estados Unidos como o principal motor da expansão comercial e econômica na Ásia Oriental e em outras partes

do mundo”. (ARRIGHI, 2008:23). De acordo com seu ponto de vista, o renascimento econômico da Ásia Oriental representa o primeiro passo do processo de transferência de poder do mundo ocidental para o oriental, sendo que os anos 1970 teriam representado o momento de crise sinalizadora de fim do ciclo hegemônico americano.

Já para Fiori, uma crise terminal do sistema ou uma eventual transferência de poder não são episódios que possam ser confundidos com qualquer disfunção sistêmica originada nas turbulências da vida política e econômica do sistema mundial. Para ele, “as derrotas militares americanas e a expansão chinesa fazem parte de uma grande transformação expansiva do sistema mundial, que começou na década de 1970 e se prolonga até hoje, associada, em grande medida, à expansão contínua e vitoriosa do próprio poder americano neste período”. (FIORI, 2008:20). Partindo deste ponto de vista, a conjuntura internacional do início do século XXI não vivenciaria uma crise terminal do poder americano, como afirma Arrighi, e muito menos um colapso do sistema mundial capitalista, como afirma Wallerstein.

Embora esses três autores partam de premissas semelhantes por serem todos adeptos de grandes teóricos como Marx, Weber e Braudel, cada uma destas suas ideias se pretende uma teoria particular. Desde já, ficam claras as diferentes perspectivas que queremos apresentar, sendo que nossa tarefa aqui será a de identificar as bases gerais sobre as quais se assenta cada construção argumentativa para que possamos tirar nossas próprias conclusões acerca da nova configuração do capitalismo contemporâneo. Além desta introdução, este artigo estará subdividido em três sessões, cada qual correspondente a um desses autores, e uma conclusão.

O Moderno Sistema Mundial de Immanuel Wallerstein

Com o objetivo de estabelecer uma unidade de análise que superasse meras contraposições ou dicotomias internas, Wallerstein passa a orientar suas pesquisas com base no que ele considerou como sendo o sistema mundial, um conceito que se pretende mais abrangente ao englobar propriedades comuns a todo sistema. Deste ponto de vista, o mundo é constituído por uma ampla zona geográfica com uma divisão interna do trabalho que permite significativas trocas de bens essenciais, assim como um fluxo de capital e trabalho. O que integra este espaço é justamente esta divisão do trabalho que é operada pelo que ele chama de economia-mundo, um conceito recuperado de Braudel e que, para Wallerstein, tem como característica fundamental o fato de não ser restrita a apenas uma estrutura política.

Neste sentido, uma estrutura política em associação com a economia-mundo, posta em funcionamento a partir de uma divisão do trabalho em um espaço progressivamente expansivo, configura o que ele chama de sistema-mundo. O caráter dinâmico deste sistema é determinado por sua base econômica e material que engloba uma ou mais entidades políticas e que comporta uma enorme diversidade cultural. Todavia, embora esse sistema seja abrangente, de acordo com Wallerstein, as economias-mundo tenderam historicamente a serem dominadas por uma única unidade política, o que deu origem aos chamados impérios-mundo.

Essa tendência se modificou com o surgimento da economia-mundo capitalista, que teria superado essa tendência histórica ao ser orientada por um processo que consiste exclusivamente na acumulação sem fim de capital. Neste sistema, pessoas e firmas acumulariam capital em ordem de acumular ainda mais capital em um processo contínuo e permanente, de modo que apenas o sistema mundial moderno pode ser considerado um sistema capitalista. Para ele, “uma economia-mundo capitalista é uma coletânea de muitas instituições. As instituições básicas são o mercado, as empresas, os estados, as famílias, as classes e as identidades”. (WALLERSTEIN, 2004b:24). Neste sentido, o moderno sistema mundial, e apenas ele, pode ser considerado uma economia-mundo capitalista, combinando a existência de múltiplos estados nacionais.

A pesquisa de Wallerstein sobre o que ele designou como unidade de análise sistêmica do capitalismo o levou à observação de que o conceito de soberania foi criado dentro do contexto do moderno sistema mundial. Para ele, o estado moderno é o estado soberano, que depende de legitimidade, ou reconhecimento recíproco, como base fundamental do sistema interestatal. Uma vez estabelecida a unidade de poder estatal e sua respectiva força no cenário internacional, os relacionamentos desta com as firmas passam a ser a chave para o entendimento da dinâmica da economia-mundo capitalista. A partir de uma distribuição assimétrica de forças entre os agentes estatais e também entre as firmas, estabelecem-se as teias que caracterizam o funcionamento do sistema mundial moderno. Wallerstein se vale de conceitos como centro e periferia, semi-periferia e trocas desiguais, dentre outros, para traçar o desenho das relações assimétricas que constituem a economia-mundo capitalista.

Para ele, a consolidação política do sistema interestatal ocorre em 1648 com a Paz de Westfália, ao passo que sua consolidação ideológica ocorre mais de um século depois, quando a Revolução Francesa estabelece duas premissas básicas do jogo entre estados, a possibilidade de mudança política e a soberania popular em detrimento da soberania monárquica. Wallerstein

também divide os estados por critérios de força relativa, sendo que os mais fortes exercem pressão sobre os mais fracos e, entre si, se relacionam por meio de um equilíbrio de poder. Entretanto, dentro deste equilíbrio pode haver dominação de um sobre o outro, por meio do estabelecimento de um império mundial ou por meio do exercício de uma hegemonia por parte de um estado. Todavia, ele observa que as experiências de impérios mundiais foram todas fracassadas, haja vista Carlos V no século XVI, Napoleão no XIX e Hitler no XX. Por outro lado, as hegemonias, mesmo que por períodos breves, teriam de fato ocorrido por três vezes, com os Países Baixos, o Reino Unido e os Estados Unidos.

Wallerstein acredita que transformar a economia-mundo capitalista em um império mundial nunca foi possível porque a estrutura imperial é incompatível com as necessidades do sistema capitalista, pois um império estrangularia o capitalismo ao sobrepor outras prioridades à acumulação sem fim de capital. Para ele, “a economia-mundo capitalista precisa de estados, precisa do sistema interestatal e precisa do periódico aparecimento de poderes hegemônicos”. (WALLERSTEIN, 2004b:59). De acordo com este ponto de vista, o que existe é um sistema-mundo que se consiste na organização e distribuição dos processos produtivos de forma global. Esse sistema, que é global desde o início e que é uma unidade sistêmica integradora de países, é o *world system*. Para cumprir com o objetivo deste trabalho de contrastar estas três visões acerca do atual sistema mundial, é fundamental nos atentarmos para o fato de que Wallerstein em sua análise parte da premissa de que seu *modern world system* se funda em uma unidade capitalista sistêmica, ou seja, possui uma estrutura básica de funcionamento que não foi corrompida nos últimos séculos. Por isso, quando ele fala em crise, ele pretende demonstrar o esgotamento desta estrutura básica, o que o levaria a transitar para um novo sistema.

Evidentemente, a descrição da dinâmica de funcionamento do moderno sistema mundial é muito mais complexa do que o que foi aqui apresentado em linhas gerais. No entanto, essa breve aproximação basta para que possamos ter ideia do que Wallerstein imagina que esteja chegando ao seu final. Para este autor, o momento histórico atual representa um processo de transição sistêmica, ou seja, as tendências históricas da economia-mundo tipicamente capitalista estariam prestes a atingir um limite que não poderá ser ultrapassado sem que seja criado um novo sistema. Para Wallerstein, dizer que o sistema entrou em crise sistêmica

“significa que as tendências seculares estão prestes a atingir assíntotas que não podem ser ultrapassadas. Significa que os mecanismos que têm sido usados até esse ponto para devolver o sistema a um relativo equilíbrio já não podem funcionar porque exigem que ele se aproxime demais da assíntota. Significa, em linguagem hegeliana, que já não é possível conter as contradições do sistema. Significa, na linguagem das ciências da complexidade, que o sistema se afastou muito do equilíbrio, que está entrando em um período de caos, que seus vetores vão se bifurcar e eventualmente será criado um novo sistema (ou sistemas).” (WALLERSTEIN, 2004a:238).

Este é basicamente o prognóstico apresentado por Wallerstein para o futuro do moderno sistema mundial nas próximas três ou quatro décadas. Para ele, o declínio do poder americano que culminará nesta transição segue uma trajetória que se iniciou muito antes dos atentados do dia 11 de setembro e que continuará ainda por algumas décadas.

Embora Arrighi se aproxime bastante de Wallerstein em sua compreensão acerca do moderno sistema mundial, existe uma diferença básica latente em sua interpretação. Para Arrighi, a fonte última de mudança dentro do sistema capitalista moderno não pode ser considerada como um fator exógeno ao seu próprio desenvolvimento. Segundo sua interpretação, as variações hegemônicas que ocorrem ao longo do desenvolvimento capitalista não podem ser associadas a meras propriedades sistêmicas estruturais. Por isso, ele acredita na possibilidade de transformação sistêmica ao invés de transição sistêmica. Em outros termos, uma nova hegemonia implica em uma reorganização fundamental do sistema sem que este se encerre. Para Arrighi, “a formação e expansão do sistema mundial moderno são concebidas como seguindo não uma trajetória única, estabelecida a quatrocentos ou quinhentos anos, mas passando por diversas mudanças para novos trilhos, instalados por complexos específicos de órgãos governamentais e empresariais”. (ARRIGHI, 2001:31).

Desta forma, apesar de Wallerstein e Arrighi falarem de ciclos hegemônicos e expansivos inerentes ao sistema mundial moderno, há essa diferença básica entre ambos. Enquanto Wallerstein acredita numa certa unidade capitalista com propriedades sistêmicas particulares e invariáveis, na interpretação de Arrighi a mudança sistêmica é endógena ao processo de desenvolvimento histórico. De acordo com este último ponto de vista, as expansões dentro do sistema se inserem em determinadas estruturas hegemônicas que tendem a acabar, dando lugar a

novas hegemonias com novas propriedades. Para compreendermos melhor a dinâmica proposta por este autor, passemos à apresentação de seu modelo.

Os Ciclos Hegemônicos de Giovanni Arrighi

Segundo o próprio Arrighi, o ponto de partida de sua investigação foi a afirmação de Fernand Braudel de que o capitalismo histórico, em sua *longue durée*, possui duas características que são realmente essenciais, a flexibilidade e o ecletismo do capital, a despeito de suas formas concretas assumidas em diferentes lugares e épocas. Essa dinâmica do capital faz com que o sistema capitalista atravessasse fases distintas em seu desenvolvimento, dando origem ao que ele designou como sendo os ciclos hegemônicos. O conceito de hegemonia utilizado por Arrighi é derivado da ideia de Antonio Gramsci, pois, para ele, “enquanto a dominação repousa principalmente sobre a coerção, a liderança associada à hegemonia repousa sobre a capacidade do grupo dominante de apresentar-se como portador de um interesse geral e de ser percebido assim”. (ARRIGHI, 2001:35).

Sob influência das observações de Braudel, Arrighi afirma que quando a acumulação de capital é muito superior à que pode ser reinvestida com lucro nos canais estabelecidos de comércio e produção, as organizações e indivíduos capitalistas tendem a reter uma proporção crescente de seus rendimentos em sua forma líquida. Essa tendência dá origem às expansões financeiras no sistema capitalista moderno, que são identificadas por Arrighi como momentos que originam uma transformação estrutural dentro do moderno sistema de estados nacionais soberanos. Desta maneira, ficam estabelecidas duas fases distintas constitutivas do que ele chama de ciclo sistêmico de acumulação. A primeira fase se consiste em uma expansão material, levada a cabo pelo capital monetário que coloca em circulação uma massa crescente de produtos, e a segunda fase é representada pelo momento em que uma massa crescente de capital monetário vai de descolando de sua forma mercadoria e dando origem a uma nova forma de acumulação, caracterizada por acordos financeiros e identificada por Marx pela fórmula abreviada DD’.

Um aspecto importante reforçado por Arrighi é o fato de que toda e qualquer fase de expansão material e posteriormente financeira traz consigo um componente crucial de concorrência interestatal. Neste sentido, cada ciclo hegemônico está identificado com a presença dominante de um estado nacional, que, para se impulsionar dentro do movimento expansivo do capitalismo moderno, utiliza-se da dívida pública como ferramenta essencial na multiplicação do

dinheiro. Para Arrighi, apesar deste ambiente competitivo entre as grandes potências, o estado dominante passa a ser o estabilizador do sistema, em outras palavras, o hegemôn. Essa dinâmica competitiva confere mobilidade ao sistema como um todo, tornando-o um processo cíclico e progressivo. Para Arrighi,

“como regra geral, as grandes expansões materiais só ocorreram quando um novo bloco dominante acumulou poder mundial suficiente para ficar em condições não apenas de contornar a competição interestatal, ou erguer-se acima dela, mas também de mantê-la sob controle, garantindo um mínimo de cooperação entre os estados. O que impulsionou a prodigiosa expansão da economia mundial capitalista nos últimos quinhentos anos, em outras palavras, não foi a concorrência entre estados como tal, mas essa concorrência aliada a uma concentração cada vez maior do poder capitalista no sistema mundial como um todo”. (ARRIGHI, 1996:13).

O caráter dinâmico deste sistema foi identificado por Arrighi como sendo cíclico após suas observações empíricas históricas. De acordo com ele, o ponto de partida da sequência de ciclos sistêmicos de acumulação foi a expansão financeira ocorrida após a expansão comercial verificada na virada dos séculos XIII para XIV. Este momento em especial marca o início do desenvolvimento capitalista como sistema mundial. Para ele, “a ideia de sucessivos ciclos sistêmicos de acumulação derivou da observação de Braudel de que todas as grandes expansões comerciais da economia capitalista mundial anunciaram sua ‘maturidade’ ao chegarem ao estágio de expansão financeira”. (ARRIGHI, 1996:88). Neste sentido, o momento em que os grandes agentes empresariais deslocam suas energias do comércio de mercadorias para o comércio de moedas também é o momento em que o sistema está mais próximo de uma transformação, momento também identificado como um sinal do outono (Braudel). De acordo com a teoria de Arrighi, após essa fase de expansão financeira ocorre um período de turbulência, chamado por ele de caos sistêmico, que marca um processo de desarticulação e posterior rearticulação do sistema. Durante essa fase de turbulência há um acirramento da disputa entre estados e entre capitalistas pelo capital circulante, um aumento dos conflitos relacionados às práticas coloniais, uma disseminação dos distúrbios sociais e, por fim, a emergência de novos poderes pleiteando ocupar a vaga do antigo estado hegemônico. Em síntese, há um conjunto de

fatores de desarticulação sistêmica que enuncia a crise terminal de um ciclo hegemônico, abrindo espaço para o surgimento de novas forças no cenário internacional.

Arrighi acredita que esse processo de expansão e caos seja algo recorrente dentro do moderno sistema interestatal e, assim como Braudel, toma a repetição dessa expansão financeira como a principal expressão de uma suposta unidade histórica capitalista. No entanto, segundo ele, ao contrário do que pensa Braudel, essa unidade pode ser irrompida pelas expansões financeiras que representam longos períodos de transformação fundamental do agente e da estrutura dos processos de acumulação de capital em escala mundial. O essencial a ser compreendido aqui é que, para Arrighi, as hegemonias mundiais não ascendem e declinam dentro de um sistema mundial que possui uma estrutura invariável com propriedades sistêmicas permanentes. Para ele, o sistema mundial moderno se formou e se expandiu com base em recorrentes reestruturações fundamentais, lideradas e governadas por sucessivos estados hegemônicos.

Outro fator importante a ser destacado em sua teoria é o fato de que o ciclo hegemônico que se inicia é diferente do anterior em dois aspectos principais. Um primeiro aspecto relativo a sua capacidade organizacional, que é sempre mais concentrada, e um segundo relativo ao volume e à densidade dinâmica do novo sistema, que é sempre superior ao ciclo anterior. Esses dois aspectos conferem uma característica evolutiva aos ciclos que se sucedem, de maneira que os processos sistêmicos de acumulação de capital tendem sempre a aumentar de tamanho, complexidade e poder. Isso implica também que

“o desenvolvimento do capitalismo histórico como sistema mundial baseou-se na formação de blocos cosmopolitas-imperialistas (ou corporativos-nacionalistas) cada vez mais poderosos de organizações governamentais e empresariais, dotados da capacidade de ampliar o raio de ação da economia mundial capitalista, seja do ponto de vista funcional, seja espacial”. (ARRIGHI, 1996:225).

De acordo com Arrighi, quanto mais poderosos se tornaram esses blocos, mais curto foi o tempo transcorrido entre a crise do regime precedente e a ascensão do novo. Para ele, essa aceleração é nitidamente percebida ao se comparar os períodos de tempo que separam as diferentes crises sinalizadoras do fim de um ciclo hegemônico. Em suas observações, “esse tempo tem diminuído sistematicamente, de cerca de 220 anos no caso genovês, para uns 180 anos no caso do regime

holandês, uns 130 anos no caso do regime britânico e cerca de 100 anos no caso do regime norte-americano”. (ARRIGHI, 1996:222).

No caso deste último ciclo hegemônico, o norte americano, Arrighi compara a idade de ouro das décadas de 1950 e 1960, fase de expansão material, com o período de cem anos antes, o da era do capital (1848-1875) da qual fala Hobsbawn. No entanto, ele chama atenção para o fato de que este período mais recente apresenta uma novidade que é a tentativa do poder hegemônico de resistir e se transformar num estado mundial. Porém, ele afirma que o novo imperialismo do Projeto para o Novo Século Norte-Americano, identificado mais recentemente com a Guerra contra o Terror, marcou o fim inglório dessa tentativa, transcorrida nos últimos sessenta anos, de fazer dos Estados Unidos o centro organizador de um estado mundial. Para Arrighi, assim como os Estados Unidos foram os grandes vencedores da Segunda Guerra Mundial, todos os indícios apontam para a China como a grande vencedora da Guerra contra o Terror.

Já nos anos 1990, Arrighi alertava para a substituição de uma região antiga (Estados Unidos) por uma nova (Leste Asiático) como o centro mais dinâmico dos processos de acumulação de capital em escala mundial. Em seu livro último, “Adam Smith em Pequim” (2008), ele afirma que, mesmo tendo a Guerra contra o Terror como justificativa para encampar seu projeto imperial neoconservador, os Estados Unidos fracassaram em tentar conter a China como novo centro da economia política global. Para ele,

“longe de lançar as bases para um novo século norte-americano, a ocupação do Iraque comprometeu a credibilidade do poderio militar dos Estados Unidos, reduziu ainda mais a centralidade do país e da moeda na economia política global e fortaleceu a tendência à promoção da China como alternativa à liderança norte-americana na Ásia oriental e em outras regiões”. (ARRIGHI, 2008:219).

Arrighi afirma que o fracasso do projeto norte-americano de um estado mundial em associação com o renascimento econômico da Ásia oriental e da China em especial representa o primeiro passo na transferência de poder do mundo ocidental para o oriental.

Fiori, por sua vez, embora considere a teoria de Arrighi muito bem elaborada, é crítico dos seus argumentos acerca dos sintomas fundamentais que evidenciariam o momento de turbulência ou caos sistêmico. Para ele, há quatro pontos em que as afirmações de Arrighi não podem ser de fato verificadas como verdadeiras. Segundo Fiori, em primeiro lugar não são tão

claras as relações existentes entre os momentos de expansão financeira e as crises cíclicas do sistema capitalista mundial, nem tão pouco entre as expansões financeiras e as crises hegemônicas do sistema político mundial. Para ele, houve momentos em que as expansões financeiras puderam ser identificadas com a consolidação de determinadas hegemonias, como teria sido o caso da Inglaterra no início do século XIX. Em segundo lugar, Fiori acredita que não há evidências suficientes de que a intensificação da competição interestatal e da concorrência interempresarial tenha ocorrido apenas em momentos de grandes transições hegemônicas. Também, de acordo com seu ponto de vista, não é muito fácil de demonstrar que os conflitos sociais se acirrem em períodos de turbulências sistêmicas. E, em quarto lugar, Fiori é contrário à tese de Arrighi de que a hegemonia americana tenha se fragilizado com seu crescente endividamento externo. Para ele, Arrighi desconsidera o fato de que o novo sistema monetário internacional está lastreado no próprio dólar, e não mais em uma reserva metálica, como o ouro. Desta forma, os Estados Unidos poderiam operar na economia mundial sem restrições externas, uma vez que podem financiar seus déficits em ativos denominados em sua própria moeda.

Neste sentido, Fiori, embora acredite que vivemos um período de grande turbulência e que os Estados Unidos enfrentam dificuldades crescentes, não concorda com a tese de que estejamos passando por uma fase de crise terminal da hegemonia americana, e muito menos que estejamos vivenciando o fim do moderno sistema mundial, como afirma Wallerstein. De acordo com o próprio Fiori,

“esta visão alternativa dos acontecimentos contemporâneos parte de uma teoria diferente, que olha para o sistema mundial como um ‘universo’ em expansão contínua, onde todos os estados que lutam pelo ‘poder global’ – em particular, as grandes potências – estão sempre criando, ao mesmo tempo, ordem e desordem, expansão e crise, paz e guerra, sem perder sua preeminência hierárquica dentro do sistema”. (FIORI, 2008:22).

Para que possamos entender um pouco melhor este ponto de vista, passemos agora a analisar a base fundamental de todo esse processo do qual ele parte, qual seja, a relação das guerras com a formação e expansão dos poderes territoriais europeus e também o momento e as repercussões do encontro entre esse processo de centralização de poder com o movimento simultâneo de acumulação de riqueza.

O Poder Global e a tese da ‘Explosão Expansiva’

Fiori afirma que, para entendermos as transformações pela qual estamos passando neste início do século XXI, precisamos voltar ao passado para entendermos o atual sistema mundial como parte de um universo em constante expansão. Sua análise parte de uma interpretação de que a configuração política e econômica atual se insere em um período de longa duração que teria se iniciado com a formação do que ele chamou de verdadeira máquina de acumulação de poder e riqueza, os estados/economias nacionais. Para ele, este momento de gênese dessa nova força revolucionária marcou o encontro bem sucedido entre a geometria do poder com a geometria da riqueza.

A contínua busca pela paz, por parte dos núcleos territoriais, gerou a necessidade de se expandir o poder através da guerra. Desta forma, a conquista da paz como justificativa primeira da própria guerra, gerou um constante estímulo para a mobilização interna de recursos. Neste sentido, o primeiro encontro do poder político e militar com o dinheiro e a riqueza dos comerciantes e dos banqueiros teria se dado com a criação e consolidação das dívidas públicas, que se transformaram na principal arma de guerra das unidades territoriais. Esse movimento permanente de defesa e ataque teria então conferido um caráter expansionista aos estados/economias nacionais nascentes.

Para Fiori, essa associação indissolúvel e expansiva entre fazer a guerra e buscar recursos a partir de pequenos territórios altamente competitivos e sob pressão permanente foi uma novidade europeia ocorrida a partir do século XII. De acordo com ele, “na Europa, a preparação para a guerra e as guerras propriamente ditas, se transformaram na principal atividade de todos os seus príncipes, e a necessidade de financiamento destas guerras se transformou num multiplicador contínuo da dívida pública e dos tributos”. (FIORI, 2008:26). Desta forma, ele sintetiza que a expansão e a universalização do sistema capitalista não foram obra do “capital em geral”, mas sim resultado desta associação entre o poder político e a riqueza que geraram uma contínua competição e expansão dos estados/economias nacionais. Com base nesta interpretação, percebe-se que a própria história do sistema econômico e político mundial foi de fato uma projeção extraterritorial desta expansão do poder europeu. Para Fiori, nos últimos quinhentos anos

“oito países, com apenas 1,6% do território global (Portugal, Espanha, Holanda, França, Inglaterra, Bélgica, Alemanha e Itália), foram conquistando ou submetendo praticamente todo o restante do mundo, por meio da conquista militar e territorial ou do mercado e do poder de seus capitais. Movimento expansivo – político e econômico – que acompanha a história do desenvolvimento capitalista e que se tornou uma dimensão constitutiva do sistema mundial moderno”. (FIORI, 2007:44).

Segundo Fiori, ao olharmos para trás perceberemos que o mundo atravessou quatro grandes explosões expansivas, todas impulsionadas por um aumento da pressão competitiva, desencadeada pelo expansionismo de uma ou de várias potências líderes. Essas explosões geraram sempre uma intensificação dos conflitos e um consequente alargamento das fronteiras internas e externas do sistema mundial. A primeira explosão teria ocorrido no chamado “longo século XIII” (1150-1350), desencadeada pelas invasões mongóis, pelo expansionismo das cruzadas e pelas guerras ibéricas. A segunda no “longo século XVI” (1450-1650) e provocada pelo expansionismo do Império Otomano, do Império Habsburgo e pelas guerras da Espanha com a França, os Países Baixos e a Inglaterra. A terceira no “longo XIX” (1790-1914), tendo sido ocasionada pelo expansionismo francês e inglês, pelo nascimento dos estados americanos e pelo surgimento de três novas potências políticas e econômicas, os Estados Unidos, a Alemanha e o Japão.

A quarta e última explosão expansiva, de acordo com essa teoria, está em curso no momento atual, tendo sido suscitada a partir da década de 1970 em reação à estratégia expansionista e imperial dos Estados Unidos, mas também em razão da intensificação da pressão competitiva gerada pelo aumento do número de estados soberanos dentro do sistema mundial e pelo crescimento vertiginoso do poder e da riqueza dos estados asiáticos, e da China em especial. Essa construção analítica é a base da argumentação teórica que sustenta o diagnóstico de Fiori relativo a estarmos vivenciando uma transformação estrutural sem colapso da posição norte-americana em um futuro próximo. Essa construção analítica do mundo contemporâneo o permite a prever para o futuro próximo do sistema mundial um alargamento das fronteiras do que ele chama de “universo mundial” em associação com uma nova “corrida imperialista” entre as grandes potências.

Desta forma, de acordo com este ponto de vista, o sistema mundial é um universo em constante expansão que presencia sempre uma corrida feroz pela busca do poder global, de modo

que crises econômicas e guerras não enunciam o fim ou colapso dos estados envolvidos, até porque esse movimento de luta implica necessariamente na existência adversários sempre ávidos pelo poder. Portanto, com base nesta teoria, Fiori afirma que

“as crises e guerras que estão em curso fazem parte de uma transformação estrutural, de longo prazo, que começou na década de 1970 e que aponta, neste momento, para um aumento da ‘pressão competitiva’ mundial – geopolítica e econômica – e para o início de uma nova ‘corrida imperialista’ entre as grandes potências, que já faz parte de mais uma ‘explosão expansiva’ do sistema mundial, que se prolongará pelas próximas décadas e contará com uma participação decisiva do poder americano”. (FIORI, 2008:34).

Neste sentido, há algumas características que evidenciariam esse momento de transformação estrutural sem perda da proeminência americana dentro do sistema mundial. Em primeiro lugar, a ampla capacidade de dominação militar dos Estados Unidos por todo o globo associada à posição central exercida pelo dólar no sistema monetário internacional já confere destaque ao poder americano dentro do sistema interestatal contemporâneo. Como ainda não há um adversário à altura deste poder, o que se pode concluir, de acordo com este ponto de vista, é que as transformações pela qual passa o atual sistema mundial capitalista não alteram a supremacia americana, embora haja um aumento da pressão competitiva.

Dentre as principais transformações estruturais destacadas por Fiori estão, além do já mencionado domínio da moeda americana no contexto internacional exercido pelo padrão monetário chamado de ‘dólar-flexível’, a multiplicação exponencial do número de estados nacionais independentes após a II Guerra Mundial, a formação de um novo eixo sino-americano articulador da economia mundial, a presença da China como grande exportadora e dinamizadora da economia mundo capitalista e, como consequência disso tudo, a ascensão de um novo centro nevrálgico da competição geopolítica mundial encabeçado pelos Estados Unidos e pela China.

Conclusão

Com base em tudo o que foi exposto, concluo que, apesar de toda a coerência argumentativa de qualquer teoria, todas tendem a se comprometer ao realizar previsões sobre o futuro. Contudo, compreendo que, após décadas de pesquisas e trabalhos, seja bastante tentador o desafio de traçar um prognóstico apoiado em seus argumentos. Desta forma, quanto menos

radical for uma previsão proposta, maiores serão as chances de uma teoria não se comprometer. Neste sentido, se conseguirmos encontrar uma trajetória de pesquisas que nos encaminhe para a continuidade dos processos de construção e desconstrução da ordem internacional, mais afastados tendemos a estar de prognósticos fadados à superação.

Wallerstein, por exemplo, embora apresente conceitos coerentes e uma teoria muito bem fundamentada acerca da formação e dinâmica do sistema mundial, se compromete ao considerar a economia mundo capitalista fadada ao colapso nas próximas décadas. De acordo com seu ponto de vista, já que o sistema capitalista se consiste em uma estrutura com propriedades sistêmicas invariáveis, o momento de crise atual se apresenta como terminal. Como a estrutura capitalista original não se transforma, nos aproximamos do esgotamento de suas propriedades mediante a crise estrutural contemporânea, o que leva este autor a prever a superação deste sistema ainda antes da segunda metade do século XXI.

Por outro lado, Arrighi, ao considerar os períodos de caos e turbulências sistêmicas como momentos de transformações estruturais, ele acaba se afastando do prognóstico de esgotamento e superação do sistema mundial capitalista. Sua construção teórica é muito bem elaborada e realmente nos leva a pensar sobre a possibilidade de o momento atual ser identificado como mais um período de expansão material de um novo ciclo sistêmico que se inicia. Principalmente por vivenciarmos uma enxurrada de produtos *made in China* posta em circulação por todo o mundo. Todavia, as críticas que recaem sobre ele se sustentam por indicarem justamente pontos em sua teoria que tendem a possuir um viés mecanicista, como associações muito bem definidas entre determinados acontecimentos históricos e períodos de transição.

Levando em consideração seus argumentos relativos à crescente concentração e aceleração dos processos de transição hegemônica, somos convencidos de que cada ciclo hegemônico se torna gradualmente mais curto que o seu antecessor. Isso leva Arrighi a presumir a queda do poder americano e a transferência de poder para o mundo oriental no curto prazo. Neste sentido, ele também acaba se comprometendo, pois dá a impressão de que essa transferência de poder do mundo ocidental para o oriental, por ser algo, como ele diz, já em curso desde a década de 1970, estaria em vias de se concretizar. Como o que observamos hoje é muito mais próximo de um declínio relativo de poder americano em referência à China do que um colapso definitivo de seu poder, tendemos a discordar de sua previsão de fim do ciclo hegemônico americano, pelo menos nos próximos anos.

Desta forma, somos impelidos a concordar com uma interpretação sistêmica que seja mais próxima à tendência da continuidade dos processos históricos. No entanto, isso não significa que a história não seja permeada de transformações, mas significa que estas transformações são muito mais lentas e graduais do que momentos de rupturas facilmente identificáveis com períodos específicos ou acontecimentos factuais. Seguindo nesta linha, algumas premissas que constam nos trabalhos de Fiori podem ser bem aproveitadas, como, por exemplo, a ideia de que o mundo vive um processo expansivo por parte dos estados/economias nacionais. Além disso, soa também coerente a ideia de que esse processo confere um dinamismo próprio ao sistema que não permite momentos de estabilização ou cessão dos conflitos entre as partes. Assim, as forças que movem o sistema tendem a se hierarquizar gerando sempre novas formas de governabilidade que são sempre imperfeitas e transitórias.

Todavia, dizer que as grandes transformações históricas são de fato lentas e, muitas vezes imperceptíveis no tempo breve, nos parece, embora uma afirmação muito exata, também muito cômoda. Não podemos simplesmente criticar prognósticos de grandes rupturas apenas apoiados na continuidade lenta e gradual dos processos históricos. Desta forma, é necessário que busquemos elementos em determinadas teorias que apresentem aspectos novos aos trabalhos de pesquisa. Neste sentido, acredito que uma das grandes contribuições dos escritos de Fiori está assentada sobre sua perspectiva de que a associação entre o poder político e a riqueza material quando posta em uma situação de pressão por parte de outra unidade territorial dá início a um movimento expansivo de conquista espacial. Esse dinamismo desencadeado confere características próprias ao sistema mundial contemporâneo.

Outro fator muito importante a respeito da nova configuração política do capitalismo que não podemos deixar de destacar é a constatação de que houve recentemente uma multiplicação de estados nacionais. Na verdade, com um olhar mais atento, percebemos duas ondas de criação de estados nacionais. Enquanto uma primeira onda é identificada com as independências dos países sul-americanos no início do século XIX, uma segunda e ainda maior onda pode facilmente ser identificada com a independência de muitos países africanos e asiáticos na segunda metade do século XX, além, é claro, daqueles países originados do desmembramento da União Soviética. Atualmente vivenciamos uma realidade de competição interestatal composta por cerca de duzentas unidades nacionais. Essa configuração política atual é, com certeza, uma das grandes novidades do capitalismo contemporâneo.

Desta maneira, além das recorrentes preocupações com a distribuição de poder entre as grandes potências, se coloca iminente a discussão acerca de como acomodar essa quantidade nunca antes observada de territórios supostamente soberanos sob a vigência de uma única ordem internacional comum a todos. Deste fato decorre também o problema de investigar a finalidade de tal tipo de organização política e a viabilidade do seu desenvolvimento histórico no futuro. Embora este trabalho tenha se prestado a apresentar alguns prognósticos para o sistema mundial capitalista, ele não acabará fazendo uma leitura dos anos que ainda estão por vir. De qualquer forma, a análise atual indica que duas coisas devem permanecer, a busca incessante pelo lucro e a guerra, respectivamente em razão da busca do desenvolvimento e da paz. Por mais contraditório que essa afirmação possa parecer à primeira vista, os argumentos dos autores recuperados neste artigo nos levam a compreender esta conclusão.

Por fim, na tentativa de extrair algo que defina e ilustre a ideia exposta neste trabalho, faço uma referência à obra prima do dramaturgo e escritor irlandês Samuel Beckett, considerado um dos fundadores do teatro do absurdo. Em “Esperando Godot” (1952), Beckett nos apresenta dois personagens, Vladimir e Estragon, que passam todo o tempo à espera de um terceiro personagem, Godot, que nunca aparece. A fala inicial da peça, “*rien à faire*”, resume bem o espírito que queremos também aqui expressar. Afinal de contas, tanto a busca pela riqueza como a guerra são dois elementos que podem ser considerados como permanentes na história do desenvolvimento humano, não nos restando nada a fazer contra isso. E, além disso, nossa espera pelo fim do sistema mundial capitalista está fadada a ter o mesmo destino de Vladimir e Estragon, qual seja, nunca atingir o seu objetivo.

Referências Bibliográficas

ARRIGHI, Giovanni & SILVER, Beverly. (2001) Caos e Governabilidade no Moderno Sistema Mundial / tradução Vera Ribeiro ; revisão César Benjamin – Rio de Janeiro: Contraponto / Ed. UFRJ, 2001.

ARRIGHI, Giovanni. (1996) O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo / tradução Vera Ribeiro ; revisão César Benjamin – Rio de Janeiro: Contraponto ; São Paulo: Ed. Unesp, 1996.

_____. (2008) Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI / tradução Beatriz Medina – São Paulo: Boitempo, 2008.

FIORI, Jose Luís. (2004) “O Poder Global: formação, expansão e limites”. In: FIORI, J. L. *O Poder Americano*. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. (2004) “Formação, expansão e limites do poder global”. In: FIORI, J. L. *O Poder Americano*. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. (2007) O Poder Global e a Nova Geopolítica das Nações. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. (2008) “O sistema interestatal capitalista no início do século XXI”. In: MEDEIROS, Carlos Aguiar de *O Mito do Colapso do Poder Americano* / Carlos Aguiar de Medeiros, José Luís da Costa e Franklin P. Serrano. – Rio de Janeiro: Record, 2008.

TAVARES, Maria da Conceição. (1985) “A retomada da hegemonia norte-americana”. *Revista de Economia Política*, Vol. 5, n.2, abril-junho, 1985.

WALLERSTEIN, Immanuel. (2004a) O Declínio do Poder Americano: os Estados Unidos em um mundo caótico / tradução Elsa T. S. Vieira ; revisão César Benjamin – Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

_____. (2004b) *World-System Analysis: an introduction*. Durham and London: Duke University Press, 2004.